



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Improvizando ontologias: a dan?a e o pensamento em movimento

Autoria: Renato Jacques

A comunica??o que venho propor para o GT ?Antropo ticas: outras (etno)grafias? É fruto de uma pesquisa de quase 10 anos em meio a práticas corporais (aulas) e processos criativos (ensaios) no contexto da dan?a contemporânea da cidade de São Paulo, com especial aten??o a dan?as que se d o em modo de improviso, ou seja, sem (coreo)grafias pré-estabelecidas. Entrecruzando autoras/es como Étienne Souriau, Elizabeth Povinelli, Roy Wagner e John Dewey, dois serão os temas a se entrecruzar nesta proposta. O primeiro deles é o próprio (ou não tão próprio) corpo do pesquisador (aprendiz) enquanto campo de work. O que é pensar a dan?a enquanto registro de um processo de aprendizado? A dan?a enquanto documenta??o? A dan?a enquanto (etno)grafia? O segundo tema é a própria ontologia de uma dan?a que se d  em modo de improviso no tempo e no espa?o. Que pensamentos são aqui pensados? Coloniais ou descolonizados? O que   dan?ar? O que é levar o improviso a sério, ou seja, pensá-lo nos termos de sua ontologia? Como pensar a "pele" de um work artístico? Em tempos de ?virada ontológica?, a reivindica??o de existências se tornou pauta e a etnografia remodelou seu caráter, nem tanto o "outro" da antropologia clássica/moderna, nem tanto o "eu" da antropologia pós-moderna, mas uma outra coisa, da ordem da inova??o. O que será? Se Roy Wagner propõe que todo gesto humano   criativo, seja ele repetitivo ou inovador, aonde nos leva o estudo detido das rela??es entre arte e vida? Como fio condutor de minha comunica??o, apresento trechos (lidos e dan?ados) de uma etnografia realizada desde o interior de uma obra em cria??o, em cujos meandros se encontrava a própria etnografia das práticas e do processo. "O duro desejo de durar" (II Mostra Programa de Exposi??es 2017 ? Centro Cultural São Paulo) acabou se tornando uma obra sem limites precisos, algo que se deu intensiva e propositalmente, de modo que cada um de nós (5 pessoas, a princípio)  ramos (e seguimos sendo) parte dela. Como pensar uma obra que cont m vidas e não vidas a ?produzir? obras? Há espa?o para



a ampliação do conceito de obra (artística "e" etnográfica)?



Realização:



Apoio:



Organização:

